

Entrevista à Profa. Dra. Débora C. Jeffrey Vice-Presidente Região Sudeste – SBEC

Interview with Prof. Dr. Débora C. Jeffrey
Vice-President Southeast Region – SBEC

Entrevista a la Profa. Dra. Débora C. Jeffrey
Vicepresidenta Región Sureste – SBEC

Débora Cristina Jeffrey¹



Professora Titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação (FE), Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais (DEPASE). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional (GEPALE). Vice-Presidente da Região Sudeste da Sociedade Brasileira de Educação Comparada – SBEC (2023-2025), Foi Presidente do Comitê Assessor de Diversidade Étnico-Racial da Diretoria Executiva de Direitos Humanos da Unicamp (2019-2021). Em 2020, recebeu o Prêmio Zumbi dos Palmares e Homenagem da Câmara Municipal de Campinas, São Paulo.

RESUMO: No âmbito da celebração dos 40 anos da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, a Revista Brasileira de Educação Comparada entrevista a Professora Doutora Débora Cristina Jeffrey, enquanto Vice-Presidente Região Sudeste – SBEC.

Palavras-chave: Educação Comparada. Campo de pesquisa e identidade. Avanços, crítica e disseminação.

ABSTRACT: As part of the celebration of the 40th anniversary of the Brazilian Society of Comparative Education, the Brazilian Journal of Comparative Education interviews Prof. Dr. Débora Cristina Jeffrey, as Vice-President of the Southeast – SBEC.

Keywords: Comparative Education. Research field and identity. Advances, critique and dissemination.

RESUMEN: En el marco de la celebración del 40 aniversario de la Sociedad Brasileña de Educación Comparada, la Revista Brasileña de Educación Comparada entrevista a la Profesora Débora Cristina Jeffrey, como Vicepresidenta de la Región Sureste – SBEC.

Palabras clave: Educación Comparada. Campo de investigación y identidad. Avances, crítica y difusión.

40 ANOS

1983-2023



S B E C

**SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
EDUCAÇÃO
COMPARADA**

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5266-5037>

Uma entrevista em forma de metadiálogo

RBEC: Bom dia a todos os que nos escutam neste momento. Estamos assistindo à Profa. Débora Jeffrey, Titular da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Vice-Presidente da Região Sudeste da Sociedade Brasileira de Educação Comparada. Nós temos um enorme prazer em entrevistá-la, pois ela é da nova geração de comparatistas. Ela compartilha comigo, o Prof. Luís Aguilar, a fundação da Revista Brasileira de Educação Comparada. Eu tenho muita honra de compartilhar com ela essa condição de fundadores, pois foi um sonho. Lá atrás, em 2017 e 2018, quando decidimos, eu contei com o pleno apoio para realizar com ela essa revista que hoje está recebendo este Dossiê dos 40 anos. Todas as pessoas que têm sido entrevistadas aqui e fora do Brasil têm se referido a esse momento da importância da disseminação de um dossiê de 40 anos a partir da Sociedade Brasileira e da Revista, especialmente de quem são os fundadores, como a Professora Débora.

Débora Jeffrey: Bom dia, Boa tarde, Boa noite a todas, todos e todes, especialmente ao Prof. Luis Enrique Aguilar. Os 40 anos da Sociedade Brasileira de Educação Comparada representam um momento de alegria e celebração. Agradeço essa oportunidade de diálogo e registro deste momento histórico. Parabenizo as/os pesquisadoras/es que fizeram e fazem parte desta história.

RBEC: Temos essas cinco questões que são importantes nesta pesquisa, Professora Débora, e são elas que se referem aos avanços do campo e da crítica da Educação Comparada e dos estudos comparativos; da análise comparativa como queira dizer, da educação. Vamos passear por este campo e por essa questão. Vamos passear pela questão da identidade dos comparatistas, pela questão do campo teórico da Educação Comparada e sua relação com a formação de alunos na pós-graduação e, também, sobre o impacto que têm as publicações na área da Educação Comparada e, finalmente, os desafios que se enxergam pela frente. Fique à vontade.

Débora Jeffrey: A Educação Comparada como campo de estudos e pesquisas possui quatro perspectivas importantes: sua epistemologia; as bases teórico-metodológicas que a sustentam; bem como seu alcance e impacto entre os sistemas educacionais; e, os profissionais da educação envolvidos com os processos e práticas de formação. Assim, num momento histórico e político em que se discute um projeto de educação global, de redefinição pós-pandemia e geopolítica com uma recomposição regional e econômica, potenciada pelo restabelecimento de blocos econômicos, como Mercosul², União Africana³, BRICS⁴, União Europeia⁵, NAFTA⁶, APEC⁷,

² O Mercosul é o bloco regional da América do Sul criado em 1985, que partilha um acordo intergovernamental entre Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela (atualmente suspensa) [<https://www.mercosur.int>].

³ A União Africana (*African Union*) é uma organização intergovernamental estabelecida em 2002 e atualmente constituída por 55 países-membros do continente africano [<https://au.int>].

⁴ BRICS é uma organização intergovernamental fundada em 2006, atualmente formada por cinco membros: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul [<https://brics2023.gov.za>].

⁵ A União Europeia (*European Union*) é uma união econômica e política supranacional fundada em 1948, atualmente composta por 27 Estados-membros do continente europeu [https://european-union.europa.eu/index_pt].

⁶ NAFTA é o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (*North America Free Trade Agreement*), criado em 1994 e consiste num bloco econômico formado por Canadá, Estados Unidos e México [<http://www.naftanow.org/>].

⁷ APEC refere-se à Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (*Asia-Pacific Economic Cooperation*), um fórum intergovernamental de 21 economias do Círculo do Pacífico criada em 1989 [<http://www.apec.org/>].

Comunidade Andina⁸, SADC⁹, OPEP¹⁰, entre outros, é importante questionar: Como é possível compreender a dinâmica da Educação Comparada e, conseqüentemente, seus estudos e pesquisas nesta conjuntura, em que os referenciais teóricos e analíticos precisam incorporar as especificidades educacionais locais e regionais, bem como a inter-relação dessas especificidades com os não-nativos? (modalidades educativas? formais e informais?). Responder a esta questão requer uma análise mais aprofundada de modelos comparativos, que sejam capazes de integrar as demandas educacionais locais e regionais e sua problematização, a partir de um projeto educacional global. Novos temas e perspectivas emergem neste contexto, em que a Educação Comparada precisa dialogar não apenas com as variáveis oficialmente reconhecidas pelos sistemas educacionais que apontam para a qualidade do ensino, mas também com perspectivas culturais, interculturais e multidisciplinares. Isto permitirá a constituição de uma nova epistemologia e talvez até a redefinição do campo de estudos e pesquisas no século XXI.

RBEC: Débora, uma pergunta que parece que você está dizendo e, é uma coisa muito importante e eu acho que vale a pena explorar, mas estou achando que as agendas estão ficando muito homogêneas no mundo a partir de um conceito que está aí dentro dos desafios da Educação Comparada que são como lidar com as redes. Uma coisa que parece que você está dizendo para nós aqui é que, de um lado, a grande diversidade de problemas que existe no mundo e da atenção de novos problemas, mas, de outro

lado, você diz que muitas agências têm ficado muito comuns porque as redes permitem que, por exemplo, se discuta gênero, se discuta o racismo no mundo. Um episódio, por exemplo de racismo no futebol ou fora desse espaço, ele vira um problema mundial e isso cria uma espécie de comparação às vezes homogênea pela existência do racismo, mas diverso também. Creio que uma coisa que você está dizendo é que isso é um campo novo para entender da comparação.

Débora Jeffrey: Sim, exatamente. A contemporaneidade, o pós-pandemia e o processo de redefinição geopolítica entre países e continentes têm permitido o debate e a integração regional de questões e agendas políticas que se tornaram comuns, apesar da diversidade de negociações e acordos. Este processo não permite que haja uma única Educação Comparada, mas sim múltiplas Educações Comparadas, lembrando as palavras do Prof. Robert Cowen, que elas existem, tornando o estudo e a pesquisa em redes um caminho possível e necessário. A hegemonia de modelos, perspectivas teóricas e diretrizes tradicionalmente hegemônicas na Educação Comparada não pode se sustentar diante de sua ressignificação, uma vez que o campo está em permanente construção e revisão, devido à influência de fatores econômicos, políticos, sociais, socioeconômicos e raciais, étnicos, de gênero e também culturais. Eis um desafio para a Educação Comparada: reconhecer e dinamizar as suas práticas neste contexto, integrando-as na sua agenda, caso contrário, consolidam-se a meritocracia, a competição, bem como a desigualdade educativa entre os sistemas educativos. Vimos isso no auge da

⁸ Fundada a partir do Acordo de Cartagena, a Comunidade Andina surge em 1969 e é um bloco regional formado por Bolívia, Colômbia, Equador e Peru [<http://www.comunidadandina.org/>].

⁹ A SADC é a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (*Southern Africa Development Community*), fundada em 1992 e constituída por 16 países do sul da África [<http://www.sadc.int/>].

¹⁰ Criada em 1960, a OPEP consiste na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (*Organization of the Petroleum Exporting Countries*), uma organização intergovernamental de 13 países [<http://www.opec.org/>].

pandemia, nenhum sistema educacional resistiu a enfrentar sozinho a Covid-19, foi necessário trocar informações, definir agendas e ações coletivamente, considerando as especificidades locais e regionais de cada sistema educacional, mas num processo de integração. Muitas alternativas e soluções foram possíveis, neste momento triste da história mundial, justamente com a utilização de referenciais teóricos e metodológicos que partiram de saberes e saberes oriundos de povos ou culturas originárias historicamente proscritas ou deixadas de lado, ainda mais justificadas por um processo de hegemonia científica.

RBEC: Débora, você diria, por exemplo, se você tivesse que pensar a agenda de Educação Comparada dos próximos 10 anos e suas novas demandas, quais seriam os desafios se apresentariam à abordagem comparativa? O que poderia ser proposto?

Débora Jeffrey: Este é um exercício analítico interessante e desafiador, Prof. Aguilar. Compreendo que repensar conceitos, estabelecendo novos parâmetros e fundamentos, certamente permitirá a integração de múltiplas "Educação Comparada", parafraseando novamente o Prof. Cowen. Este poderia ser um exercício interessante, conforme proposto pela Profa. Dra. N'Dri Assié-Lumumba, presidente do Conselho Mundial de Sociedades de Educação Comparada (*World Council of Comparative Education Societies – WCCES*), em seu artigo "The Ubuntu Paradigm and Comparative and International Education: Epistemological Challenges and Opportunities in Our Field", publicado em 2017 na *Comparative Education Review*, onde propõe o uso da "filosofia Ubuntu" como referência e fundamentação teórico-metodológica para a análise da política educacional, numa perspectiva comparada (Assié-Lumumba, 2017).

José P. Castiano, Vice-Reitor da Universidade Pedagógica de Maputo (Moçambique),

no seu livro "Referências da filosofia africana: em busca da intersubjectivação", propõe, numa perspectiva coletiva, que o conhecimento da comunidade deve estar integrado no conhecimento formal da universidade, constituindo uma proposta coletiva de apoio à política educativa, à concepção pedagógica e formativa e ao projeto de sociedade (Castiano, 2010). Este exercício também pode ser realizado a partir do conhecimento dos povos indígenas e de muitos outros povos do mundo, mas poderia contribuir, antes de tudo, para a constituição de uma epistemologia e de um repertório teórico-metodológico que representa a contemporaneidade no campo da Comparação. Educação. Como pesquisadores da área de estudos e pesquisas em Educação Comparada, temos mais um desafio: reconhecer esta contemporaneidade, permitindo a integração de sociedades diferentes, mas interligadas por agendas comuns ou pelo projeto educacional global, ajudando-nos a identificar e responder aos problemas que representam: Educação Comparada Múltipla!

RBEC: Débora, e como você vê, por exemplo, as pesquisas comparativas na área que você especificamente trabalha que são seu último trabalho na apresentação, quando você é intitulada como professora titular? Você vê a necessidade de mais pesquisas nessa área comparativa?

Débora Jeffrey: No Brasil, eu tenho feito a análise de política de ações afirmativas. É uma temática que possui perspectivas analíticas distintas em cada país, resultante de tensões de ordem étnico-racial, socioeconômica, entre outros. A Educação Comparada, neste sentido, pode ser identificada como um referencial teórico-metodológico que possibilita um processo de conexão entre o processo da diáspora africana e a expressividade do pan-africanismo entre países da América Latina e Caribe, como o Brasil, a partir de

referenciais, vivências e experiências legitimadas entre os povos de África, mas que permaneceram presentes na cultura afro em latino-américa. Assim, se por um lado, esse é um processo controverso e, por vezes problemático, mas por outro lado, é positiva, quando consideramos que esse tipo de análise propicia a reparação histórica, mediante a revisão de referenciais teóricos e metodológicos, que muitas vezes deixaram de ser validados em detrimento de um processo de homogeneização do conhecimento.

RBEC: Me parece que esse tema daria para uma entrevista maior e eu queria fazer uma pergunta, não a última, em função dos elementos que você trouxe agora nessa última questão. Por exemplo, na fundação do império romano e, nessa, estou falando acerca do que você disse de que é necessária uma leitura histórica dessas questões decisivas, como é a questão étnico-racial, as ações afirmativas e a discussão desses temas. Quando você fala da perspectiva histórica, porque a fundação do império romano e ele se fez fortemente através do trabalho africano.

Débora Jeffrey: Sim, exatamente. Este é um exemplo muito interessante.

RBEC: Então você está falando da história da humanidade. Então os fundadores da história da humanidade são os africanos.

Débora Jeffrey: Exato.

RBEC: Estamos falando da colonização ocidental da fundação do império romano que comprava pessoas e traficava pessoas para construção desses impérios. É possível traçar um paralelo embora muito mais degradado hoje do que acontece na Europa no mundo, sempre com os processos que você cita que são os processos migratórios que envolvem exatamente a função do trabalho como construtor. Eu acho que talvez seria interessante fazer essa leitura que você está dizendo para certos

comparativos com a leitura histórica para poder tecer esses elos de homogeneização que existem a séculos, mas, que se reproduzem de forma muito peculiar, Eu estou falando do tráfico de pessoas na Europa, das migrações na Europa e, recentemente o fenômeno que nós temos aqui e que nunca tivemos que é a migração haitiana e a migração venezuelana, por exemplo, que requerem não apenas de uma análise comparativa de processos, se não de como a sociedade de maneira fragmentada vem resolvendo essas questões históricas.

Débora Jeffrey: Eu acho que é o grande desafio, o revisionismo, podemos dizer da história e como a comparação também foi utilizada para reforçar todo esse movimento. Nós estamos agora no momento de fazer o contrário, de fazer a revisitação e ao mesmo tempo destacar elementos que influenciam a sociedade ocidental e, especificamente, a educação, constituindo novos parâmetros e fundamentos que auxiliem a recontar essa história, mas ao mesmo tempo permitir a integração e de reparação histórica.

RBEC: Sim, quando você fala da reparação, você diria que por exemplo, a teoria decolonial pode ajudar nos estudos comparativos na medida em que isso que você está dizendo é uma leitura decolonial desse fenômeno? Bom, os grandes filósofos gregos, teriam colado dos filósofos africanos, colado entre aspas, porque Dussel (2000) disse que os filósofos africanos são anteriores a Aristóteles. Então a teoria decolonial parece auxiliar esta comparação, esse reducionismo como você disse.

Débora Jeffrey: Os historiadores e antropólogos têm feito todo esse trabalho. Principalmente de como essa civilização africana de fato era avançada, disseminando a produção de conhecimento para vários povos do mundo. Enfim, nós nos deparamos com outros conceitos, conhecimento como é o caso dos saberes ancestrais, que possui

uma construção histórica e política, pautada no coletivo, e que é sistematizada pelos princípios da filosofia africana, que podem ser reconhecidos como elementos importantes para se pensar a Educação Comparada. Neste sentido, a decolonialidade cumpriria essa função, ao resgatar esses saberes, reconhecendo o processo de ressignificação que a envolve. Não é um processo tão simples assim, pois o desafio é possibilitar a abertura de novas perspectivas e possibilidades que constituem este novo repertório teórico metodológico.

RBEC: Muito bem! Nós acabamos indo para uma profundidade que eu nem imaginava, mas é muito importante, porque, no campo da Educação Comparada e falando sobre isso que você nos acaba de lembrar, dos repertórios metodológicos e das abordagens dos novos objetos, quando você mencionar decolonialidade, isso é, parte do repertório comparativo novo que permitirá não se opor ao pensamento único, se não apresentar também na alternativa esse pensamento único como uma forma de aprender e conhecer, porque quando a gente descobre, por exemplo, essa é uma coisa que a gente bebeu pela colonialidade não pela decolonialidade, descobriu que você sabia uma forma da geografia. Isso significa que você estava privado de aprender e quando você disse assim: eu estava, por exemplo, na Europa, na Macedônia, eu falei assim: Nossa, que bom seria eu poder ir à Grécia. Falei com uma pessoa que estava aqui. Como assim do lado? Você não conhece o mapa? Para mim, a forma que me foi ensinado, as coisas não estavam juntas. É isso que você acaba de nos dizer, é necessário repensar os conhecimentos, não como uma única concepção, mas como concepções alternativas e aí aparece a comparação e aparece esse referencial que é decolonial reforçando e dando força e sustento as análises comparativas e as análises de políticas, se quiser.

Débora Jeffrey: Esse, de fato, é um desafio para a Educação Comparada, pois como você disse: é importante incluir e permitir com que essa perspectiva esteja presente nos congressos, em nossas publicações, porque isso também vai exigir que pesquisadores e pesquisadoras troquem esses conhecimentos, com base em uma outra perspectiva, nos Congressos e encontros da área. Esse é um processo que já teve início, com a convergência de pesquisas e projetos que se complementam, particularmente quando há um/a pesquisador/a de continentes distintos e que analisam um mesmo objeto de estudo, apesar de não se conhecerem, mas que, ao final, compartilham e constituem a comparação, considerando as suas especificidades locais e regionais, em uma perspectiva coletiva.

RBEC: Muito bem, professora Débora, fique bem à vontade para sintetizar a sua fala final e fazer o encerramento. Nós estamos muito instigados pelas coisas que levantamos, porque eu não imaginava que nós avançaríamos para os campos que não imaginei que você abordaria. Você nos deixa uma quantidade de questionamentos muito importantes que serão escritos e serão lidos por muitas pessoas que pensaram proativamente sobre esses grandes desafios que você está nos colocando.

Débora Jeffrey: Agradeço a oportunidade de diálogo, reconhecendo que esse é o nosso compromisso como pesquisadores e pesquisadoras comparatistas, que vem sendo confiada a nós em meio a este processo de mudança, porque caso contrário, continuaremos ainda reproduzindo modelos e concepções hegemônicas, que já sabemos quais são os resultados. Compreendo que o nosso desafio como pesquisadores e pesquisadoras é garantir a integração de sociedades nas mais distintas e possíveis formas de organização regional e local, de

modo que possamos subsidiar, a partir de nossas pesquisas, as perguntas e problemáticas contemporâneas que se apresentam.

RBEC: Muito bem, Débora! Eu gosto muito de manifestar meu agradecimento mais uma vez, mas gostaria de dizer que sua entrevista foi um caminho que eu imaginei que iríamos traçar e foi se ampliando, foi se diversificando na temática que você abordou e que nos deixou com grandes desafios. De fato, nosso agradecimento tem a ver com isso, porque você é uma pesquisadora jovem no campo dos estudos comparativos

e será muito bom que essa sua reflexão possa ser ampliada. Eu acho importante também caminhar com base em cima disso que você citou da professora N'Dri, porque acho que é uma vertente interessante de discussão e de proximidade nas discussões teóricas com ela.

Débora Jeffrey: Exatamente, eu acho que temos muito a aprender para a professora N'Dri.

Referências

- Assié-Lumumba, N. T. (2017). The Ubuntu Paradigm and Comparative and International Education: Epistemological Challenges and Opportunities in Our Field. *Comparative Education Review*, 61(1), 1–21. <http://doi.org/10.1086/689922>
- Castiano, J. (2010). *Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjetivação*. Ndjira.
- Dussel, E. (2000). Europa, Modernidad y Eurocentrismo. In E. Lander (Comp.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. (pp. 41–53). CLASCO; UNESCO. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100708040738/4_dussel.pdf
- Originalmente publicado em Dussel, E. (1993). Europa, Modernidad y Eurocentrismo. *Revista de Cultura Teológica*, (4). 69–81. <http://doi.org/10.19176/rct.v0i4.14105>